



AMÓS OZ

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2017

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2017

Curadoria

Fernando Schüler

Direção Comercial

Pedro Longhi

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Marketing

Karina Roman

Equipe

Denise Donicht
Francisco Azeredo
Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

CIVILIZAÇÃO

A SOCIEDADE E SEUS VALORES

O *Fronteiras do Pensamento*, em seus 10 anos de história e mais de duas centenas de conferências internacionais realizadas, traz ideias, fomenta debates e estimula a inquietação e o questionamento, apontando os caminhos para as **questões fundamentais da atualidade**.

Desde 2007, o projeto oportuniza um espaço para a discussão a respeito do mundo em que vivemos e daquilo que está ao nosso alcance fazer pelo nosso futuro. A cada temporada, a série de encontros com **intelectuais reconhecidos em suas áreas** de atuação concretiza o objetivo de promover educação de alta qualidade, enaltecendo preceitos como liberdade de expressão, diversidade geográfica e pluralidade de ideias.

Em 2017, o projeto realiza oito eventos internacionais com renomados pensadores para discutir o que nos conecta enquanto civilização. O tema da temporada é **Civilização – A sociedade e seus valores**. O conceito de civilização está representado no conjunto que nos define e que, em momentos de crise e a partir dele, pode gerar novas ideias.

Muitos são os valores que ditam ritmos, constroem relações e determinam minúcias e grandezas em nosso mundo. Na **CIÊNCIA**, uma teoria física que ousa conceber um espaço-tempo onde o infinito não existe. A respeito da **LEVEZA**, a discussão sobre o culto contemporâneo à felicidade em contraposição à rotina veloz que enfrentamos. O olhar da literatura como forma de disseminar a **COMPAIXÃO** e a **MEMÓRIA**, retratando conflitos e conquistas a partir do olhar do outro. A busca por **IGUALDADE** e por condições justas a todos. A importância do **DINHEIRO** e o peso que ele representou para o progresso e a modernidade ao longo da história. Cada um com sua **IDENTIDADE**, analisada a partir do espelho que ressalta nossas diferenças e nossas semelhanças. Cada um em sua busca por **DIGNIDADE**, construindo um novo cenário a partir das nossas diferenças e semelhanças. Quando o que mais ansiamos é um futuro de **LIBERDADE**.

Valores que, por meio dos conferencistas internacionais convidados e dos temas que serão apresentados, o *Fronteiras do Pensamento* vai resgatar, analisar e debater.

CONFERENCISTAS

TEMPORADA 2017

AMÓS OZ

(Israel, 1939)

Escritor israelense. Ativista político e um dos mais renomados e premiados intelectuais da atualidade, é reconhecido por obras como *Judas* e *De amor e trevas*.



Por toda a minha vida, fui chamado de traidor por causa de minhas posições políticas. Às vezes um traidor é alguém que está um pouco à frente da sua época. Alguém que muda aos olhos de quem nunca muda.

Oz é escritor e ativista político e um dos mais renomados e premiados intelectuais da atualidade. É autor de uma extensa obra literária formada por romances, ensaios e críticas e publicada em 40 países, sendo um dos escritores israelenses mais traduzidos no mundo. Fundador e principal representante do Movimento Paz Agora, defende a solução de dois Estados para o conflito entre Israel e Palestina.

Após a morte da mãe, adotou o sobrenome Oz, que significa “coragem” em hebraico. Viveu durante décadas no *kibutz* Hulda, assentamento agrícola fundado em 1930. Participou das forças de defesa de Israel nos conflitos com a Síria e, concluindo o serviço militar, foi enviado pelo *kibutz* para a Universidade Hebraica em Jerusalém, onde estudou Filosofia e Literatura. Atuou como professor e lutou na guerra dos Seis Dias e na de Yom Kippur, além da ação militar israelense na faixa de Gaza.

DESTAQUES

A guerra e a evocação de uma língua e uma nação são elementos presentes na obra de Oz. Lançado em 1968, *Meu Michel* projetou o escritor no cenário literário do Ocidente. Em 2003, publicou *De amor e trevas*, narrativa autobiográfica e que virou filme dirigido por Natalie Portman. Em 2014, lançou *Judas*, um romance que, a partir de uma história de amor, questiona a fundação do Estado de Israel e as guerras que abalam o Oriente Médio.

Amós Oz afirma que não escreve para entreter, mas para que os leitores se façam perguntas. Foi agraciado com o Prêmio Israel, o Prêmio Goethe e o Prêmio Príncipe das Astúrias, dentre outros reconhecimentos. Seu livro mais recente no Brasil é *Como curar um fanático*, reunião de ensaios e entrevistas para debater a questão de Israel e Palestina, enfocando a tragédia no sentido mais antigo do termo: “a batalha entre o certo e o certo”.

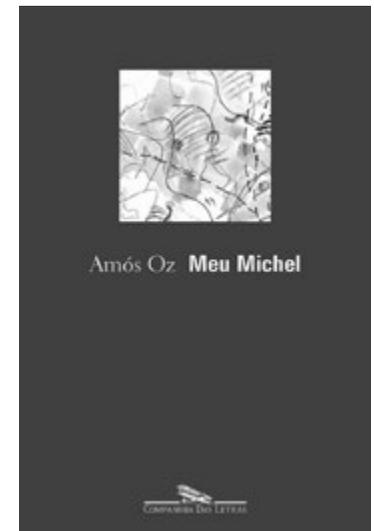


De amor e trevas é considerada a obra literária mais vendida na história de Israel. Mistura de romance e autobiografia, recria os caminhos percorridos pelos israelenses no século XX, da diáspora à fundação de uma nação e de uma língua: o hebraico moderno. Ganhador do Prêmio France Culture de 2004 e do Prêmio Goethe do mesmo ano, o livro extrai sua grandeza da simplicidade de um gesto narrativo que faz do olhar de um menino o fio condutor de uma história vigorosa e bela.

Entre os seus livros publicados no Brasil estão *Conhecer uma mulher*, *A caixa preta*, *Pantera no porão*, *De repente nas profundezas do bosque* e *Rimas da vida e da morte*. *Meu Michel*, lançado em 1968, é o retrato de Hana Gonen, uma mulher que desliza lentamente para a névoa do delírio esquizofrênico, na Jerusalém da década de 1960. A protagonista é casada com um geólogo calmo, trabalhador, sensível – o “meu Michel” –, um bom cidadão que, ao contrário da mulher, se recusa a estender seus sonhos para além da linha do despertar.

<https://is.gd/AmosOz1>

<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00382>





Publicado em 2015 no Brasil, *Como curar um fanático* traz ensaios que oferecem uma visão única sobre a natureza do extremismo e propõe uma aproximação respeitosa e ponderada para solucionar o conflito entre Israel e Palestina. Oz argumenta que este conflito não é uma guerra entre religiões, culturas ou mesmo tradições, mas, acima de tudo, uma disputa por território – e ela não será resolvida com maior compreensão, apenas com um doloroso compromisso.

Em entrevista concedida para o jornal *O Estado de S. Paulo* em janeiro de 2016, Oz afirma que humor, imaginação e literatura são bons antídotos contra o fanatismo. Falando sobre os ensaios e palestras do livro *Como curar um fanático*, ele defendeu a necessidade da empatia. “Acredito na necessidade de imaginar o outro. Ler boa literatura nos coloca na pele de outras pessoas. Não para que concordemos 100% com elas, mas para que possamos ver a situação de um novo ângulo.”

<https://is.gd/AmosOz2>

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,para-amos-oz--humor--imaginacao-e-literatura-sao-bons-antidotos-contr-o-fanatismo,10000007011>



Em janeiro de 2012, Oz participou do programa *Roda Viva* da TV Cultura. Para os jornalistas entrevistadores, falou sobre sua infância, seu sobrenome Oz, seus livros, pacifismo e agressão e o conflito árabe-israelense. “O fanático é um ponto de exclamação ambulante. Ele tem todas as respostas e não está interessado nas perguntas.”

<https://is.gd/AmosOz3> (legendado)

<https://www.youtube.com/watch?v=4v7VrIF2NUU>

Os palestinos não vão para lugar nenhum – não têm para onde ir. Os judeus israelenses também não vão a lugar algum – não têm para onde ir. Mas não podemos nos tornar uma família feliz, porque não somos. Então, temos que dividir a casa em dois apartamentos menores e aprender a dizer “bom-dia” no saguão todos os dias. Eventualmente, talvez possamos receber um ao outro para uma xícara de café. Mas precisamos desta casa geminada, uma unidade dividida para duas diferentes famílias.
(Paz Agora, janeiro de 2017)

A ARTE DE IMAGINAR PARA CONSTRUIR A PAZ

POR SUSANA RAMOS VENTURA

É doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2006), com tese sobre o romance contemporâneo em Língua Portuguesa. Professora e pesquisadora ligada ao Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (Clepul) e ao Centro de Pesquisas sobre os Mundos Ibéricos Contemporâneos (Crimic), da Sorbonne (Paris IV).

O conjunto de contos *Onde os chacais uivam* (1965) – que se ambienta num *kibutz* – e o romance urbano *Meu Michel* (1968) colocaram Amós Oz no mapa literário israelense, iniciando uma produção intensa e vigorosa, que hoje constitui um vívido painel humano da vida de um povo e de um país. O contraponto representado pela temática dos dois primeiros livros: a vida coletiva no *kibutz*, experiência vivenciada pelo próprio autor durante cerca de 30 anos, e o cotidiano de um jovem casal numa grande cidade narrado pela ótica feminina em primeira pessoa mostram o início da construção do amplo painel social ao qual Amós Oz se dedicaria nas seguintes décadas.

Nascido em Israel em 1939, Amós Oz é o escritor israelense mais traduzido no Brasil e no mundo hoje, e pertence à chamada “Geração do Estado” – a primeira a escrever e publicar após o efetivo estabelecimento de Israel como Estado. Romancista, ensaísta, contista, crítico, age na construção de sua obra como um arquiteto, empenhado socialmente em dar testemunho de seu tempo e dos desafios que couberam aos judeus no mundo contemporâneo.

Professor de literatura na Universidade Ben Gurion, a partir da década de 1970, passou também a atuar ativamente na imprensa escrita e falada, firmando suas posições sobre os rumos políticos de seu país. Militante da esquerda israelense, ele é participante atuante do Movimento *Shalom Achshav* (Paz Agora). Como ativista pela paz e argumentador diante dos desafios das questões de Israel, Amós Oz ficou tão ou mais conhecido no mundo do que como o grande escritor que primordialmente é.

Profícuo em tudo o que realiza, trabalhador incansável em seu diálogo cotidiano com as questões mais pungentes de seu país e de seu povo, um dos pontos mais importantes de seu discurso tem sido a defesa da possibilidade de conciliação entre a tradição e os ideais de justiça social e respeito para todos.

A cada uma de suas publicações no Brasil, podemos acompanhar, junto com as resenhas em jornais, as entrevistas concedidas por telefone, em que o autor costuma responder tanto a questões atinentes ao livro lançado no momento quanto àquelas sobre seu país. Esta profusão de entrevistas é característica do autor, que acompanha a disseminação de

sua obra pelos diferentes lugares onde ela é traduzida e dá seu testemunho sobre as circunstâncias da edição, respondendo também aos questionamentos da comunicação social e que versam, em geral, para além do conteúdo do livro em si, sobre o que houver de mais candente em Israel no momento do lançamento.

Numa de suas obras literárias mais conhecidas, o romance de cunho autobiográfico *De amor e trevas* (2002), Amós Oz revela que seus avós paternos emigraram, quando ainda eram noivos, de Odessa, na Rússia, para os Estados Unidos, voltando de lá, de maneira bastante surpreendente, um par de anos mais tarde, na contramão do que fizeram centenas de milhares de outros judeus oriundos da Europa Oriental, que se fixaram no Novo Mundo com bilhete apenas de ida. Mais tarde, ambos desembarcaram em Israel, onde passaram o restante de suas longas vidas. Amós Oz reflete então que, se os avós tivessem seguido o que planejavam inicialmente, possivelmente ele mesmo teria nascido em algum lugar próximo de Nova York, caso em que teria “escrito em inglês romances engenhosos sobre as paixões e as angústias dos imigrantes de chapéus altos e sobre as fossas neuróticas de sua progênie deprimida”.¹ Essa afirmativa mostra que o projeto de escrita do autor estaria focado, fosse em que quadrante fosse, em sua condição de judeu na contemporaneidade e naquela de narrador das múltiplas vivências possíveis de seu povo em algum ponto do mundo. O estilo mostrado

nessa curta citação incorpora vários elementos da prosa bem forjada de Amós Oz: rapidez de construção de imagens, uso de uma linguagem fluida e refinadamente humorada, e a surpresa do emprego de palavras inesperadas, que desafiam e surpreendem os leitores.

De amor e trevas é um amplo painel tanto da formação familiar do autor quanto daquela do Estado de Israel, com ênfase na infância de Oz, com laçadas para o passado em que desvenda as origens de seus antepassados – por consequência, de parte da população de Israel – e, sobretudo, dos desafios vividos pela sociedade durante o período de dominação inglesa (1920-1948).

Amós Oz, como escritor, é sobretudo um habilíssimo contador de histórias, que investiga desvãos da alma de seus personagens com precisão, narra com desassombro os tortuosos caminhos em que são conduzidos pelos seus desejos, ao mesmo tempo em que cria uma teia narrativa que fissa os leitores de maneira inescapável. Seus livros são, também, o palco em que discute aspectos da sociedade israelense de modo a descortinar, a cada obra, ângulos ainda não explorados anteriormente. Por isso, como num programa que vai sendo construído livro a livro, seus leitores são convidados a conhecer aspectos diversos da complexa sociedade israelense e dos dramas individuais que, ocorrendo em todos os lugares do mundo, têm ali a marca daquelas específicas circunstâncias a determiná-los e a, talvez, dirigir algumas das possíveis saídas a questões que são de todos os seres humanos: amores, desamores, desencontros, dificuldades de toda ordem e redenções às vezes improváveis, mas possíveis.

¹ Citação a partir da edição brasileira pela Companhia das Letras (2005, 4ª reimpressão, tradução de Milton Lando, p. 115).

Em todas as suas obras literárias, Amós Oz confere protagonismo a personagens que representam diversos lados das questões de cunho político-ideológico, religioso e social que perpassam a sociedade israelense e que ele analisa com minúcia e, conferindo voz às suas criaturas, jamais silenciando os aspectos com os quais discorda ideologicamente, mas sim utilizando a ficção para discutir de maneira vívida cada um deles. Particularmente representativo dessa capacidade de imbricar o social e o individual é o romance epistolar *A caixa-preta* (1987), onde, em 51 cartas e 56 telegramas trocados entre as personagens, são reveladas questões sociais, religiosas e políticas complexas da segunda metade da década de 1970 em Israel. Romance polifônico, deixa diversos setores da sociedade falarem com sua própria voz (dada a escolha pelas cartas, confessionais por princípio). O resultado alcançado, neste e em outros livros, mostra a incrível capacidade de construção desse escritor em sua já monumental obra de mais de cinco décadas.

Nas inúmeras entrevistas e intervenções sociais que realiza de maneira muito cerrada – acompanhando de perto tudo o que ocorre em Israel e expondo sua opinião a cada novo acontecimento social –, Amós Oz mostra que, para ele, a força vital de um povo numa sociedade democrática precisa ser alimentada por meio do exercício do diálogo e de debates constantes. Em muitas ocasiões tem afirmado a obrigação cidadã de não silenciar diante da injustiça, ainda que o ouvinte se recuse a concordar, demonstrando a firme convicção de que seu papel como homem de palavras é manifestar-se sobre tudo, mesmo que seus interlocutores sejam poucos, pois com o tempo e a persistência será possível convencer as pessoas a buscar

a tolerância e o entendimento. Para Oz, o confronto israelense-palestino é um confronto trágico ente duas causas justas, e, por isso, ele defende uma solução na qual ambas as partes tenham que ceder em benefício mútuo.

Por ocasião do lançamento brasileiro da coletânea de palestras *Como curar um fanático* (2016), Amós Oz fez duas declarações particularmente importantes para a compreensão de sua obra como um todo – tanto como escritor quanto como ativista: “Precisamos de imaginação dos dois lados em todas as situações da vida. A curiosidade nos torna pessoas melhores” e “Acredito na necessidade de imaginar o outro. Ler boa literatura nos coloca na pele de outras pessoas. Não para que concordemos 100% com elas, mas para que possamos ver a situação de um novo ângulo”. Pela articulação dessas duas declarações, compreende-se a opção preferencial desse homem de palavras pela literatura, território privilegiado para “encenar” a vida, para imaginar saídas e palco para a adesão emocional tão essencial para a tentativa de colocar-se no lugar do outro.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO